

## Pensamento Crítico Latino-Americano e Pesquisa Militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação

*Latin American Critical Thought and Activist Research in Orlando Fals Borda: praxis, subversion and liberation.*

### Breno Bringel

Doutor pela Faculdade de Ciência Política e Sociologia da Universidade Complutense de Madrid, onde também realizou Mestrado e Graduação e foi professor. Foi professor visitante em universidades da Inglaterra, França, Suíça, Portugal, Espanha, Brasil, Uruguai, Argentina e Chile. Atualmente é Professor Adjunto do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ) e Directeur d'études Associé na Fondation Maison des Sciences de l'Homme de Paris. Coordenador, com José Maurício Domingues, do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina, com sede no IESP-UERJ. Membro do Instituto de Pesquisa em Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS), onde coordena o Grupo Temático Pensamento Crítico e Pesquisa Militante na América Latina. Editor de DADOS – Revista de Ciências Sociais e de open Movements, um projeto de open Democracy. Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ e de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Suas principais áreas de atuação são a sociologia política, a teoria social e a sociologia latino-americana e suas pesquisas e publicações recentes versam principalmente sobre as transformações do ativismo contemporâneo e a construção teórica e geopolítica do pensamento latino-americano. E-mail: brenobringel@iesp.uerj.br

### E. Emiliano Maldonado

Doutorando em Direito, Política e Sociedade no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do CNPq. Mestre em Teoria, Filosofia e História do Direito pelo PPGD/UFSC. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-RS). Integrante do Núcleo de Estudos e Práticas Emancipatórias (NEPE/UFSC) e do Instituto de Pesquisa em Direitos e Movimentos Sociais – IPDMS, onde coordena o Grupo Temático Pensamento Crítico e Pesquisa Militante na América Latina. Membro da Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares (RENAP). Tem experiência na área do Direito, com ênfase em Direito Constitucional, Teoria da Constituição, Teorias Críticas do Direito, Direitos Humanos, Filosofia Política, Movimentos Sociais e América Latina. E-mail: eemilianomb@gmail.com.

Artigo recebido e aceito em março de 2016.

**Resumo:**

O artigo apresenta algumas das principais contribuições do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda para o pensamento crítico latino-americano. Suas principais obras são resgatadas e seus aportes teórico-metodológicos analisados a partir de três eixos: práxis, subversão e libertação. A partir dessas categorias, discute-se sua proposta de pesquisa ação participativa como expressão concreta do processo de construção da pesquisa militante e da possibilidade de subversão científica, da sociedade e do(s) direito(s).

**Palavras-Chave:** Pensamento Crítico Latino-americano; Pesquisa Militante; Orlando Fals Borda

**Abstract:**

The article introduces some of the major contributions of the Colombian sociologist Orlando Fals Borda to the Latin American critical thinking. His major works are retrieved and his theoretical and methodological contributions analyzed based on three key notions: praxis, subversion and liberation. From these categories, the article discusses the participatory action research proposal as a concrete expression of the process of activist research and the possibility of subversion of society, science, law and rights

**Keywords:** Latin American Critical thinking; Activist Research; Orlando Fals Borda

## Introdução

*“En contraste con esa corriente científica imperialista, los científicos sociales que se plantean a sí mismos como investigadores-militantes, y siguen las pautas propias del método de estudio-acción buscan poner el conocimiento que se adquiere al servicio de los grupos explotados y oprimidos, dentro de una causa de transformación fundamental”.*

Bonilla, Castillo, Fals Borda e Libreros (1972: p.65-66),  
membros do Coletivo *La Rosca*

O pensamento crítico latino-americano e a pesquisa comprometida com a transformação social radical na América Latina estão intimamente relacionados à confluência, em meados do século XX, entre a institucionalização das Ciências Sociais na região e uma série de lutas sociais. Embora existam várias referências, matrizes e heranças prévias do pensamento regional (Zea, 1964), a reflexão mais sistemática sobre nossas sociedades e o engajamento com um amplo repertório de temas, lutas e sujeitos, relaciona-se a experiências concretas que se iniciam nesse momento histórico<sup>1</sup>. Poderíamos, inclusive, falar da constituição de uma “sociologia periférica” (Bringel e Domingues, 2015; Maia, 2015) em dito período, haja vista a articulação de uma expressiva produção intelectual com as lutas de independência e liberação nacional em vários países africanos e asiáticos. Embora sejam, em geral, elaborações coletivas, alguns nomes próprios acabaram se destacando. No caso da América Latina, um deles é o do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda.

Precursor do pensamento crítico latino-americano contribuiu para o desenvolvimento de agendas de pesquisas diversas que variam da violência ao conhecimento, da questão agrária à marginalidade urbana. Pensador livre e fronteiro, Fals Borda navegou entre saberes e disciplinas e foi um dos principais inspiradores e fundadores de uma sociologia comprometida com os processos de transformação em nossa região. Apesar disso, ainda permanece praticamente esquecido e, às vezes, ignorado no meio acadêmico brasileiro. Isso pode parecer paradoxal, tendo em vista que foi amplamente difundido entre as décadas de

<sup>1</sup> Vide a este respeito a introdução deste dossiê da *Revista Direito & Práxis*, o artigo de Jonathan Jaumont e Renata Versiani Varella, bem como a nossa dissertação de mestrado (MALDONADO, 2015), na qual abordamos alguns dos precursores do pensamento crítico latino-americano.

1970 e 1980 no Brasil. Uma primeira explicação plausível pode estar relacionada aos percursos da recepção do autor: Paulo Freire, inicialmente, e Carlos Rodrigues Brandão, depois, foram quicá os principais responsáveis da recepção de Fals Borda no país, o que indica que sua entrada foi mais profícua no campo popular (particularmente na educação popular) que na academia, como ocorreu em outros países, aonde chegou a ter maior penetração nas universidades<sup>2</sup>.

Soma-se a isso um segundo fator: as ciências sociais brasileiras acabaram privilegiando, em seu momento de institucionalização, a canonização de autores do Norte. Isso é facilmente perceptível quando olhamos para as principais referências bibliográficas de nossas áreas e subáreas e para as grades curriculares dos nossos cursos de graduação e pós-graduação. Este resultado reflete, além de um alto grau de provincianismo, a vitória de uma determinada visão da ciência e do conhecimento, elitista e liberal-conservadora, que choca frontalmente com as propostas de Fals Borda. Na disputa pela definição e pela fundamentação da “sociologia científica”, o autor colombiano não renunciou, como clamava Germani (1962), à necessidade de construir uma perspectiva experimental e aplicada, rigorosa em termos metodológicos, e que tivesse um significado relevante tanto para o acúmulo do sabor científico como para o desenvolvimento da teoria sociológicas mais gerais a partir das observações feitas de nossas sociedades. Contudo, “o conhecimento pelo conhecimento” não era suficiente para Fals Borda, quem realizou uma instigante demonstração prática de possibilidade de descolonização das ciências sociais<sup>3</sup>, construindo propostas metodológicas concretas – como o método de *Investigación Acción Participativa* (IAP) – mediadas pela *práxis*, que vinculavam o engajamento do pesquisador junto às classes subalternas com o avanço do conhecimento sociológico.

Nesse sentido, recuperar o legado de Orlando Fals Borda significa manter acesa uma perspectiva crítica e subversiva na construção do

---

<sup>2</sup> Convidado em várias universidades internacionais e membro ativo de redes diversas, Fals Borda chegou a receber da Sociedade de Antropologia Aplicada dos Estados Unidos o prestigioso Prêmio Bronislaw Malinowski.

<sup>3</sup> De forma complementar, autores como Rodolfo Stavenhagen (1971), em seus trabalhos publicados no início dos anos 1970, somaram-se ao coro com propostas mais gerais de caráter epistemológico sobre o “papel” do cientista social, as formas de produção de conhecimento e de teoria social no então denominado “Terceiro Mundo”, bem como as implicações do engajamento e da descolonização das ciências sociais para o entendimento e a transformação da realidade.

conhecimento sociológico. Recuperação não supõe, no entanto, aceitação acrítica de todos seus postulados, nem tampouco recepção integral de suas propostas, muitas das quais precisam ser atualizadas e refinadas para o nosso contexto histórico, político e intelectual atual. Seja como for, a trajetória do autor colombiano nos parece exemplar no sentido de reconstruir uma genealogia de pesquisadores militantes em nossa região, que ressaltaram a importância do comprometimento dos intelectuais com os setores populares para a construção de interpretações alternativas da sociedade e de projetos de transformação radical da sociedade capitalista.

Este artigo é fruto de uma empreitada coletiva, baseada em buscas bibliográficas e documentais pouco difundidas, bem como em debates, reflexões e experiências teórico-práticas, vivenciadas durante os últimos anos principalmente junto ao Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS), onde coordenamos com Renata Versiani Varella o Grupo Temático “Pensamento crítico e pesquisa militante na América Latina”. Destarte, o presente artigo deve ser lido como um fragmento deste esforço mais amplo. Panorâmico e introdutório divide-se em quatro partes: na primeira, mais contextual, analisamos a vida e a obra de Orlando Fals Borda, destacando as imbricações entre a atuação política e a elaboração intelectual; na segunda seção, apresentamos a proposta metodológica de pesquisa ação do autor, enfatizando seu entendimento sobre a *práxis*; na terceira parte do artigo examinamos sua proposta de construção de uma “sociologia da libertação” como parte integrante do pensamento crítico latino-americano; finalmente, assinalamos brevemente algumas implicações de sua proposta teórico-metodológica para um entendimento subversivo da sociedade e do(s) direito(s).

### **Vida e Obra: trajetória e contribuições**

Antes de nos adentrarmos nas contribuições mais substantivas de Orlando Fals Borda, torna-se fundamental apresentar brevemente sua biografia e algumas de suas principais obras, pois retratam sua importância na constituição de um campo sociológico tipicamente latino-americano. Para além da descrição, necessária para localizar o autor, a confluência entre vida e obra deve ser

entendida na imbricação entre o pessoal e o político, o objeto e o sujeito, permitindo examinar sua trajetória, sua posicionalidade e seus múltiplos cruzamentos e lugares de fala.

O sociólogo colombiano nasceu em Barranquilla no dia 11 de julho de 1925 e faleceu aos 83 anos, no dia 12 de agosto de 2008, na cidade de Bogotá. Em síntese, pode-se dizer que se trata de um pensador que acompanhou de perto boa parte da história política colombiana contemporânea, desde a segunda metade do século XX até a primeira década do século XXI. Foi um homem muito criativo, com grande talento intelectual e artístico, que alcançou notoriedade acadêmica mundialmente, ao mesmo tempo, que se delineava como uma das principais figuras políticas do país andino nas últimas décadas. Participou ativamente na criação da Faculdade de Sociologia e na construção do Frente Unido de 1964/65. Durante a década de 1970 esteve profundamente engajado na construção e na aplicação do método de *Investigación Acción Participativa* com/entre os camponeses colombianos. Seu engajamento político acabou levando à sua prisão pelo Estado Colombiano, projetando-o a posteriori como um dos principais ativistas públicos em defesa dos presos políticos e da superação do Estado de Segurança-Nacional naquele país. Já nos anos 1980, participou da Alianza Democrática M-19, de cuja bancada foi membro durante a Assembleia Constituinte Colombiana de 1991; e, finalmente, se envolveu na fundação do Polo Democrático Alternativo (PDA), do qual foi presidente honorário até a sua morte.

Além disso, Fals Borda teve um papel fundamental na institucionalização do campo sociológico colombiano e latino-americano. Mesmo tendo realizado sua formação acadêmica inicial nos Estados Unidos, sendo influenciado inicialmente pelo estrutural-funcionalismo, desde o seu retorno à Colômbia defendeu a formação de um pensamento regional próprio e profundamente crítico aos modismos e colonialismos intelectuais, tanto de direita como de esquerda. Percebendo as carências e dificuldades do desenvolvimento das Ciências Sociais na Colômbia, naquele momento vinculadas à Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, fundou no ano de 1959, junto a Camilo Torres, a Faculdade de Sociologia da Universidade Nacional da Colômbia, na cidade de Bogotá. Foi decano dessa faculdade por várias oportunidades, desenvolvendo uma série de pesquisas que marcaram profundamente o debate sociológico colombiano. Durante os primeiros

anos, Fals Borda dirige seu foco para a questão agrária e o campesinato, pois em sua opinião não haveria como alterar as injustiças sistêmicas sem uma profunda alteração do modelo de concentração de terras predominante no seu país e nos demais países latino-americanos. Em termos teóricos, a perspectiva modernizante imperante em boa parte dos estudos sobre o rural naquele momento foi duramente criticada pelo autor que inseriu uma perspectiva sociohistórica para boa parte de seus estudos sobre essa temática, dando centralidade para a construção teórica a partir das vozes dos sujeitos.

Nesse período produziu obras relevantes como *El hombre y la tierra en Boyacá: bases sociológicas e históricas para una reforma agraria* (Fals Borda, 1957) e *Campesinos de los Andes: estudio sociológico de Saucio* (Fals Borda, 1961). Nesse mesmo período é contratado pela Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), em parceria com a Organização dos Estados Americanos (OEA), para realizar uma pesquisa empírica no Brasil, sobre a situação da moradia nas áreas rurais. Em 1959, visita vários estados brasileiros e apresenta o livro *El Brasil: Campesinos y Vivienda* (Fals Borda, 1963) - infelizmente ainda inédito em português –, um estudo sociológico sobre o problema agrário brasileiro, onde examina a situação da moradia rural na região de Viçosa em Minas Gerais.

Isso o aproximou também do Centro Latino-americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS). Criado em 1957 no Rio de Janeiro, constituiu-se em uma das experiências mais interessantes de convergência de intelectuais latino-americanos produzindo pesquisas de grande relevância para a região (Bringel et al, 2015). Rafael Arboleda era o principal representante colombiano no CLAPCS e compartilhava com Fals Borda a visão de que as ciências sociais deviam servir para resolver os problemas sociais colombianos e não para reproduzir padrões culturais vindos de fora, tal como sugeriu em um Informe sobre o Estado das Ciências Sociais na Colômbia encarregado pelo CLAPCS em 1959. Anos depois a vocação regional de Fals Borda era reforçada com seu engajamento no grupo de trabalho que discutiu e possibilitou em 1967 a criação do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), do qual foi membro de seu primeiro Conselho Diretor.

Por trás destes centros regionais e da própria produção do autor

colombiano estava a premissa de que a América Latina devia ser interpretada a partir de suas próprias lentes e não como “objeto de estudo de pessoas e entidades estrangeiras que criam uma imagem particular da problemática latino-americana, vista através de seus próprios marcos e concebida a partir dos vieses conceituais e ideológicos de suas escolas e lugares de origem” (Fals Borda, 1968: pp.63-64). O pensamento latino-americano se apresentava assim não somente como um pensamento *sobre* a região, mas também feito *na* região e preocupado por interpretar e dar soluções próprias e originais aos principais dilemas sociais e políticos *da* América Latina. Isso o diferenciava da posição de sociólogos influentes como a do argentino Alfredo Poviña, quem, a despeito de sua contribuição para demarcar a especificidade da sociologia e das sociedades na região, defendia a sociologia latino-americana como uma variação técnica da investigação sociológica geral, relativizando a relação entre sociologia e localização geográfica (Poviña, 1952).

No bojo destas disputas, as pesquisas sociológicas de Fals Borda se voltam, desde o início, para temáticas centrais da Colômbia e da América Latina. Este é o caso, por exemplo, de seus estudos sobre violência, tais como *La violencia en Colombia: estudio de un proceso social* (Fals Borda, 1962), escrito em parceria com Monseñor Germán Guzmán e Eduardo Umaña Luna, marco fundante para o campo de estudos sobre a violência no país. A discussão sobre a violência era enquadrada de forma abrangente, delimitando uma verdadeira sociologia do conflito. Nessa interpretação, Fals Borda combinou a antropologia, a sociologia e a história para realizar uma compreensão histórica da cultura da violência na sociedade colombiana, o que serviu, como veremos mais adiante, para uma resignificação da subversão, que passa a ser defendida como uma forma legítima de resistência e transformação da ordem injusta, desigual e violenta do capitalismo.

Sua interpretação sobre a questão agrária também é emblemática no sentido de vincular uma interpretação sociológica sobre as formas de produção do espaço, a formação do campesinato e o desenvolvimento técnico e regional com a ação política alinhada ao fortalecimento das organizações camponesas na construção de um projeto que alterasse o regime latifundiário e oligárquico predominante. Essa questão irá lhe acompanhar durante praticamente toda a sua



vida, tendo destaque especial em duas obras: *Historia de la Cuestión Agraria en Colombia* (Fals Borda, 1975) e em *Historia Doble de la Costa* (Fals Borda, 1981).

A primeira obra parte da análise das formas de produção indígenas e as formas de produção da colonização espanhola para logo examinar suas articulações e os mecanismos de dominação social e econômica que dão origem ao latifúndio e a formação originária do campesinato na Colômbia. Trata-se de uma interpretação de longo prazo que também discute, de forma didática, conquanto reducionista em algumas passagens, as alterações forçadas pela transformação do capitalismo e seus impactos na estrutura social e de classes. Já a segunda obra, embora parta de algumas premissas semelhantes, alcança um maior grau de refinamento teórico, a partir de um diálogo mais profícuo com o marxismo, e de inovação metodológica.

Em ambos os casos, o que mais chama a atenção é como o resultado das duas obras dependem diretamente do processo de construção da pesquisa e do tratamento dado para o material coletado. A influência do método de *investigación acción participativa*, desenvolvido por Fals Borda junto a Gonzalo Castillo Cárdenas, Augusto Libreros Illidge, Víctor Daniel Bonilla e demais apoiadores do Coletivo *La Rosca* durante a década de 1970, é crucial. Trata-se de uma das mais expressivas iniciativas de pesquisa militante (também denominada por Fals Borda e pelos membros de *La Rosca* como “pesquisa ativa” e “estudo ação”) e de sociologia comprometida na América Latina que, de acordo com Parra (1983: cap.1), tinha como objetivo principal atuar na sistematização do conhecimento, na pesquisa direta dos problemas sociais, na metodologia da ação e na divulgação. Para isso, criaram também uma editora com sede em Bogotá com o nome *Publicaciones de la Rosca* que publicou importantes livros coletivos e individuais, destes e de outros autores, sobre lutas indígenas e camponesas, violência e revolução, história de mulheres rebeldes (como María Cano), bem como pesquisas empíricas e contos, fábulas e histórias de diferentes realidades da Colômbia.

O engajamento político e o trabalho com as bases e com um movimento campesino radicalizado, bem como a construção de uma relação de “devolução sistemática” do conhecimento não negava o trabalho científico como ponto de partida, e sim buscava enriquece-lo a partir da diversificação de fontes e da

construção de uma concepção de ciência autônoma e a serviço do povo. Longe da difusão de dogmas e de doutrinas e de uma relação de mera reprodução da voz dos sujeitos, Fals Borda preocupava-se pela reflexividade crítica resultante destes processos de mediação e interação com os grupos organizados de camponeses, operários, indígenas, negros, entre outros, que não deveriam ser exaltados sem contradições. A centralidade da práxis aparece assim como um elemento de destaque.

### **Sobre a Práxis**

Em sua obra *Por la Praxis: El problema de cómo investigar la realidad para transformarla*, Fals Borda (1978) retoma um debate crucial no pensamento marxista, isto é, qual é o papel da ciência e dos cientistas diante da realidade social. Em suas próprias palavras:

Cómo combinar precisamente lo vivencial en estos procesos de cambio radical, constituye la esencia del problema que tenemos entre manos. Y éste, en el fondo, es un problema ontológico y de concepciones generales del que no podemos excusarnos. En especial, ¿qué exigencias nos ha hecho y nos hace la realidad del cambio en cuanto a nuestro papel como científicos y en cuanto a nuestra concepción y utilización de la ciencia? Porque, al vivir, no lo hacemos sólo como hombres sino como seres preparados para el estudio y la crítica de la sociedad y el mundo (Fals Borda, 1978: 1).

Desde o século XIX, Karl Marx, principalmente em *Ideologia Alemã* (1845-1846), defendia a necessidade de superação de uma série de cisões científicas que separam a teoria da prática; o sujeito do objeto; a ciência da política; o homem da natureza; etc. Isto foi tornando as ciências e os científicos cada vez mais distantes dos problemas sociais. Assim, tanto para o pensamento marxiano como para o pensamento crítico latino-americano é fundamental a superação da cisão entre teoria e prática, hoje crescentemente visível em teorizações crescentemente deslocadas do solo das dinâmicas sociais, inclusive na tradição da teoria crítica (Bringel e Domingues, 2013).

A questão da práxis lembra as conhecidas teses 2 e 11 de Marx sobre Feuerbach. Enquanto na segunda tese, a busca da verdade objetiva aparece como uma questão prática e não da teoria, na décima primeira tese, Marx, criticando o

idealismo alemão, ressalta a importância da interpretação orientada para a transformação (Marx, [1933] 2007: pp.532-535). Ao retomar essa questão crucial, Fals Borda propõe, contudo, um diálogo heterodoxo com o marxismo, muitas vezes polêmico e criticado pela intelectualidade de esquerda colombiana daquele momento. Em termos gerais, as relações entre os modos de produção e as forças produtivas foram o primeiro elo de aproximação do autor e de seus colaboradores de *La Rosca* com Marx e com o marxismo, embora este último fosse adotado e adaptado enquanto método de trabalho e não necessariamente como ideologia (Parra, 1983: 19). O entendimento da formação social colombiana emergia como a principal preocupação teórica geral de Fals Borda e, para isso, não havia teoria predeterminada ou apriorismo teórico, mas somente uma ética do compromisso que levaria a uma criação indutiva e sociohistórica de uma explicação teórica.

Lendo o marxismo como uma “metodologia de trabalho teórico-prático”, desenvolve-se para este fim um método de pesquisa inovador, a *Investigación Acción-Participativa*, cujas principais características, de acordo com Fals Borda (1987), são:

1. El esfuerzo de investigación-acción se dirigió a comprender la situación histórica y social de grupos obreros, campesinos e indígenas colombianos, sujetos al impacto de la expansión capitalista, es decir, al sector más explotado y atrasado de nuestra sociedad.
2. Este trabajo implicó adelantar experimentos muy preliminares, o sondeos, sobre cómo vincular la comprensión histórico-social y los estudios resultantes, a la práctica de organizaciones locales y nacionales conscientes (gremiales y/o políticas) dentro del contexto de la lucha de clases del país.
3. Tales experimentos o sondeos se realizaron en Colombia en cinco regiones rurales y costaneras, y en dos ciudades, con personas que incluían tanto profesionales o intelectuales comprometidos en esta línea de estudio-acción como cuadros del ámbito local, especialmente de gremios.
4. Desde su iniciación, el trabajo fue independiente de cualquier partido o grupo político, aunque durante el curso del mismo se realizaron diversas formas de contacto e intercambio con aquellos organismos políticos que compartían el interés por la metodología ensayada (Borda, 1987)

Essa metodologia tinha como pressuposto fundante o papel transformador da ciência e dos cientistas sociais, sobretudo em países como os latino-americanos nos quais as desigualdades são marcantes e as injustiças sociais

são latentes. Diante disso, resgata-se a importância do *compromisso* com as lutas das classes subalternas e da *práxis* como vetor do pensamento social crítico. Não deixa de ser curioso que em uma tentativa de reconstruir uma genealogia da “sociologia comprometida”, Fals Borda (1987) retoma as contribuições de Guerreiro Ramos como pioneiras, especialmente aquelas relacionadas à sua “lei do comprometimento” (Ramos, 1965)<sup>4</sup>.

Esse compromisso partiria de um engajamento vital, pois o cientista não é um ser a-histórico ou a-social, livre de condicionamentos, ele é “ser-no-mundo” e “ser-do-mundo”, ou seja, está inserido e faz parte de uma totalidade. Por isso, esse engajamento funda-se numa crítica radical ao sistema dominante e na necessidade de superá-lo, não apenas numa necessidade de descrever o mundo e reafirmar a cisão entre sujeito e objeto que o paradigma cientificista nos legou. Embora haja certa fundamentação moral desta concepção de compromisso, o mais inovador na proposta “alternativa” de Fals Borda sobre a *práxis* está no fato de que em sua perspectiva a prática assume um papel determinante associado aos contextos locais e regionais e aos saberes. Sem desprestigiar a teoria, realiza uma guinada epistemológica, mediada pela centralidade do método, para considerar as massas trabalhadoras, os povos indígenas, e as comunidades camponesas e afro-americanas como produtoras de conhecimento. Esta perspectiva cognitiva da *práxis* não está baseada em espaços de privilégio, mas em uma visão dialógica e de totalidade na qual os saberes e conhecimentos populares são contrastados e conectados ao conhecimento científico-acadêmico a través de uma série de dispositivos metodológicos dialógicos.

Emerge assim uma metodologia de pesquisa ação baseada na construção participativa do conhecimento, onde o pesquisador não se situa em um espaço de exterioridade ou possui o conhecimento e o estende ao povo, mas sim o constrói, em diferentes momentos e de diversas maneiras, com o objeto/sujeito. Apesar das dificuldades práticas e teóricas dessa proposta, trata-se de um movimento altamente original, que busca, ademais, colaborar no fortalecimento organizativo e na ampliação do entendimento dos grupos de base sobre a realidade que os circunda e as possibilidades de ação para transformá-la

---

<sup>4</sup> Para uma recuperação do pensamento de Guerreiro Ramos hoje vide o dossiê recente da Revista *Caderno CRH*, organizado por Bringel, Lynch e Maio (2015).

por meio da práxis. Isto é feito, por um lado, a partir da definição conjunta dos temas de pesquisa que tenham relevância para a prática social e política; e, por outro, através da validação, que permite o estabelecimento de contatos contínuos e permanentes entre o pesquisador-militante e a militância/coletivos/organizações, nutrindo o processo coletivo de elaboração de conhecimento. Para isso, a predisposição a desaprender e a reaprender, bem como a conhecer o outro é fundamental, pois é nessa dinâmica onde se pode apreender, por exemplo, a sabedoria popular e comunitária, a cultura e as dimensões subjetivas dos sujeitos.

A operacionalização desta proposta pode ser exemplificada a partir de dois livros emblemáticos previamente mencionados, *Historia de la Cuestión Agraria en Colombia* (Fals Borda, 1975) e *Historia Doble de la Costa* (Fals Borda, 1981). São obras maduras do autor, resultantes de um intenso processo coletivo. No primeiro caso, o estudo partiu de um seminário campesino no qual foi diagnosticada a falta de estudos sérios sobre a questão agrária na Colômbia, enquadrados pelo materialismo histórico. A pesquisa seguiu os passos do estudo ação, realizando uma análise das classes sociais dando atenção especial aos grupos locais e regionais; a compilação de material das/com as próprias organizações, entrevistas e relatos orais cedidos e discutidos com as comunidades; a recuperação crítica dos elementos históricos e culturais; e a discussão contínua e devolução sistemática aos grupos camponeses de toda a informação e interpretação. Para além de um texto meramente acadêmico, o resultado foi a elaboração de um material multiforme: folhetos históricos ilustrados, cadernos para quadros, materiais audiovisuais e escritos mimeografados dirigidos especialmente para universitários e profissionais.

No segundo caso, elaborou-se uma criativa escrita em quatro volumes com dois canais narrativos e formas de enunciação: uma narrativa popular anedótica (canal A, lado esquerdo dos livros), realizada a partir das inúmeras entrevistas, mitos e informações coletadas por meio da investigação ação-participativa durante as pesquisas no caribe colombiano; e outra narrativa (canal B, lado direito do livro), onde se apresenta com rigor histórico-sociológico, as teorias, os conceitos e as fontes, isto é uma interpretação sobre a formação histórica dessa região e suas especificidades socioculturais. Essa obra,

coproduzida junto à *Asociación Nacional de Usuarios Campesinos* (ANUC) e outros pesquisadores-militantes que pertenciam ao Coletivo *La Rosca*, tornou-se um marco na história social latino-americana. Nela, Fals Borda retoma as ideias de compreender a história como processo social e a história como narrativa, conquanto não parta de uma distinção estanque entre estas. Ao contrário, conjuga essas duas dimensões da história a partir do resgate das memórias dos próprios camponeses da região para interpretar o processo e a historicidade.

Parte-se, em suma, da narrativa dos sujeitos e do resgate de suas lembranças, suas músicas, seus mitos e crenças, para reconstruir essa história de forma colaborativa e participativa com os próprios trabalhadores da região. Assim, a partir da memória coletiva, e usufruindo de mecanismos de educação/arte popular (dinâmicas, músicas, teatro, quadrinhos, etc.), recupera-se uma série de experiências de resistência camponesa naquela região como, por exemplo, os “baluartes de autogestão campesina” e retoma-se o vínculo com antigas lideranças dos movimentos socialistas dos anos 1920 e 1930, que serviram como fonte de inspiração para as novas gerações de insurgentes, se comprometerem com a causa socialista e colaboraram na reconstrução da identidade caribenha naquela parte da Colômbia. O resultado não é somente descritivo e de riqueza etnográfica, mas uma tentativa de elaboração mais geral de entendimento da formação social da região e de sua cultura de resistência. A junção entre esta ciência rebelde, vinculada às lutas do povo, levou a que Fals Borda se tornasse um dos nomes mais expressivos do que veio a ser conhecido como uma nova de trabalho sociológico, a *sociologia da libertação*.

### **Sociologia da Libertação e Pesquisa Militante**

O olhar prático e empiricamente orientado do pensamento teórico de Fals Borda está marcado por uma concepção de “ciência própria” que visa a superar o colonialismo intelectual vigente até hoje na academia latino-americana. A história converte-se em um recurso fundamental e a transição em uma noção chave em boa parte da obra do autor na busca tanto de outros mundos possíveis como de novos campos sociológicos, sendo que:

“Uno de esos campos nuevos para la sociología sería, indudablemente, el de la *liberación*, es decir, la utilización del método científico para describir, analizar y aplicar el conocimiento para transformar la sociedad, trastocar la estructura de poder y de clases que condiciona esa transformación y poner en marcha toda las medidas conducentes a asegurar satisfacción más amplia y real del pueblo. (Fals Borda, 1987)

Esse campo, o da *libertação*, tornou-se um verdadeiro semeadouro do pensamento crítico latino-americano na segunda metade do século XX. Após ser germinado na pedagogia (Paulo Freire), estende-se à teologia (Gustavo Gutiérrez) e à filosofia (Enrique Dussel, Leopoldo Zea ou Horácio Cerutti), mas chega também à sociologia e a outras disciplinas como a psicologia (Ignacio Marín-Baró) e o direito (principalmente os direitos humanos, via Adolfo Pérez Esquivel). Sempre vinculado ao pensamento político e à prática concreta, o “liberacionismo”, tal como o denominou Valdés (2003), refletia a consciência prática e teórica de ruptura com a dependência e com os diferentes planos do colonialismo e formas de opressão. O guevarismo e sua formulação de estratégias para a geração de um “homem novo socialista” inspirava e reforçava os elementos de solidariedade, de ética e de busca do bem comum e de um humanismo revolucionário que foram centrais no “espírito da libertação”.

O campo transdisciplinar da libertação, portanto, se constituiu como um âmbito privilegiado de aproximação de vários pensadores e ativistas de nossa região, uma vez que relaciona profundamente as inquietações: (i) *econômicas*, sobre a crise, a dependência e o (sub)desenvolvimento, ou seja, a libertação compreendida como a superação de uma condição de dominação; (ii) *políticas*, sobre o projeto revolucionário, as estratégias e táticas a serem adotados nos países e movimentos de nossa região; e (iii) *filosóficas*, sobre a construção de um pensamento próprio que abarque as nossas realidades socioculturais e rompa com o mimetismo eurocêntrico e o colonialismo externo e interno do saber/poder, entre tantas outras dimensões da libertação.

Em termos gerais, compreende-se a libertação como um projeto subversivo, como uma utopia que estimula as possibilidades de transformar a realidade injusta do sistema capitalista e, assim, superá-lo. Libertação da negação do Ser, dos impedimentos e das opressões sofridas, mas também possibilidade da

*“realização das valiosas singularidades humanas em sua criativa diversidade”* (Mance, 2000: 26), ou seja, como aspecto positivo e prático da liberdade. Desse modo, a ideia de libertação assume um viés utópico e revolucionário de transformação da realidade, inserida num contexto sócio-histórico determinado.

No tocante à relação dessa categoria com a Sociologia, poder-se ia dizer que a sociologia da libertação, para Fals Borda, pressupõe o estudo dos processos e mecanismos de poder, o entendimento do lugar das classes populares e uma explicação própria de nossas realidades. Baseia-se, para isso, no estudo das situações reais de conflito e de desajuste presentes na sociedade, mas também na participação ativa em tais situações para buscar a libertação desta mesma sociedade (1987: 18). Isto é, estudo e ação combinam-se outra vez para o entendimento da realidade, mas também para a luta contra a dependência, a exploração e a opressão. Temas como a revolução, os efeitos da reforma agrária, o desenvolvimento da comunidade e o imperialismo, por exemplo, estariam, de acordo com Camilo Torres, no centro da agenda problemática sociológica latino-americana da libertação (Torres, 2001: 137).

A sociologia da libertação pode ser entendida como uma derivação do momento histórico vivido na América Latina entre as décadas de 1960 e 1980, mas também como consequência da execução da agenda de pesquisa ação baseada no compromisso. O embasamento central desta assertiva está relacionado à ideia de que não devemos adaptar teorias importadas, e sim nos aproximarmos da nossa realidade social conflitiva, pois nela está a potência da mudança de nossos povos, criativos e resistentes, que se forjaram nas insurgências às imposições dos imperialismos e seus seguidores. De fato, para Fals Borda, na esteira do formulado por Dilthey e Cooley, as concepções científicas estariam estreitamente vinculadas à estrutura da sociedade na qual são concebidas (1987: 18).

Por um lado, há assim uma concretude da geopolítica do conhecimento que não se perde em digressões de carácter filosófico e epistêmico, como boa parte do pensamento descolonial recente. Por outro, é assim como os próprios movimentos de libertação, enquanto sujeitos políticos, convertem-se não em objetos, mas em recursos heurísticos que permitem o entendimento e, ao mesmo tempo, a transformação da sociedade. Segundo Fals Borda, “é da observação



direta e da intervenção pessoal nos processos de mudança social mais profundos de onde podemos derivar as mais valiosas contribuições do conhecimento sociológico, sempre e quando trabalhemos com seriedade e disciplina”(Fals Borda, 1987: 21).

A sociologia da liberação vinculava-se, portanto, tanto a um lugar como a um tempo. Foi gestada em um contexto de profunda crise societária e de eminência de radicalização intelectual e agitação revolucionária em uma longa década dos sessenta. A confluência entre os movimentos sociais e as universidades dava-se com fronteiras menos rígidas que as atuais e com temporalidades e objetivos que se confundiam em vez de estarem estritamente delimitados como hoje (Bringel, 2015). O componente moral e religioso da libertação também marca uma confluência específica entre marxismo e cristianismo, hoje com menor capilaridade social, que se orientou para o trabalho com as bases sociais e grupos subalternizados. A ruptura produzida nas ditaduras, assim como a conversão mercantil e a ultra-especialização acadêmica vivida desde a década de 1990 na América Latina leva a que a pauta da libertação tenha sido progressivamente deslocada.

Embora o contexto (geo)político geral na atualidade seja bastante mais adverso que o “sessentista” para a (re)construção de uma sociologia comprometida, nota-se, contudo, um crescente cansaço e incomodo com o distanciamento e a apatia dos pesquisadores; com a lógica “extrativa”, instrumental e veloz de produção e difusão do conhecimento científico; com a excessiva regulação externa (de agências de avaliação, por exemplo) do modus operandi do campo acadêmico; e com a mercantilização da educação e do conhecimento, por não falar da tecnificação e burocratização do trabalho intelectual, convertido muitas vezes em autênticos “gestores de projetos”. A libertação parece adquirir novo sentido e renascer, não como expressão de um movimento liberacionista aglutinador, mas sim, novamente, como um problema ideológico plasmado nas orientações das políticas científicas e nas formas de associação entre conflito social e produção de conhecimento.

Dentro e, sobretudo, fora dos muros das universidades várias experiências passaram a buscar nas últimas duas décadas alternativas formativas e interpretativas vis-à-vis a emergência de um novo ciclo rebelde na região que se

inaugura após a queda do Muro de Berlim, com a centralidade dos movimentos indígenas e camponeses. Algumas delas são muito pequenas e localizadas, enquanto outras, como algumas escolas e universidades autônomas, possuem um escopo mais amplo, atuando sempre nas brechas e nas fronteiras do conhecimento, e direcionando suas investigações e estudos para os problemas concretos da nossa realidade. No caso do movimento indígena equatoriano contemporâneo, por exemplo, foi construída a *Pluriversidad Amawtay Wasi*, que retomando a ideia das *Casas del Saber* do período Inca é uma proposta de educação superior originária, intercultural e comunitária que parte da epistemologia do movimento indígena. No caso brasileiro, um marco na construção de espaços educacionais autônomos pelo movimento camponês é a Escola Nacional Florestan Fernandes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), que tem formado uma infinidade de militantes de movimentos sociais de toda a região e do mundo. É assim como um novo ciclo de contestação encontra-se com o espírito libertador e com a necessidade de revisitar a pesquisa militante. Entendemos esta como “como um espaço amplo de produção de conhecimento orientado para a ação transformadora, que articula ativamente pesquisadores, comunidades organizadas, movimentos sociais e organizações políticas, em espaços formais ou não de ensino, de pesquisa e de extensão” (Bringel e Varela, 2014).

É preciso reconhecer suas variadas configurações geográficas e históricas, bem como os diferentes contornos, matrizes político-ideológicas, contextos de ação e possibilidades. A proposta de Fals Borda nos deixa um legado metodológico fundamental que não deve ser lido, no entanto, como um receituário fechado de trabalho popular, pois a metodologia da investigação-ação é dinâmica, rigorosa e deve ser (re)construída cotidianamente pelo próprio pesquisador-militante diante das necessidades que surgem durante o processo de pesquisa.

Uma dificuldade adicional dos dias de hoje pode ser colocada nos seguintes termos: se uma das características mais marcantes do atual momento da modernidade é seu alto grau de complexidade e um maior descentramento do sujeito (Bringel e Domingues, 2013), como identificar e definir os “grupos chave” e as classes sociais privilegiadas na pesquisa militante orientada à libertação? Se as

fronteiras identitárias são cada vez mais fluidas e plurais, com crescentes graus de plurimilitância (Bringel, 2009), como estabelecer relações mais permanentes no tempo no processo de pesquisa militante?

A resposta a estas perguntas passou sempre pela identificação do sujeito político privilegiado. Para Fals Borda, o sujeito da libertação seria principalmente o campesinado, embora a leitura da luta de classes proposta pelo sociólogo colombiano assuma contornos bem específicos, pois ele defende a necessidade de compreender esses conflitos no interior das especificidades étnico-culturais das regiões estudadas, as quais, no caso latino-americano, muitas vezes nos depara como uma complexidade não explicável pelas leituras ortodoxas do marxismo.

Muito influenciado pelo legado do Padre Camilo Torres e sua proposta de libertação latino-americana, Fals Borda defende um olhar sensível tanto às expressões econômicas e reivindicativas como às culturais e sociais, pois os cruzamentos étnicos, raciais, de gênero e de classe devem ser lidos com sensibilidade histórica e geográfica. Propõe nos últimos anos de sua vida a construção de um *socialismo raízal*, isto é, um socialismo autóctone que parta de:

(...) nuestros propios orígenes telúricos y fuentes históricas, y rescatar lo que no puede ser otra cosa que la estructura valorativa pre-capitalista y de respuesta ecológica, con el nodo genético de cosmovisiones actuales de nuestros pueblos de base. Estos pueblos de base son determinantes en la conformación de nuestras naciones – con cultura y personalidad –, más que los grupos elitistas cuyo norte y patrón ha sido Europa decimonónica.

(...)

De allí nuestra preferencia a identificar nuestro socialismo como 'raízal' y 'ecológico', por tomar en cuenta las raíces histórico-culturales y de ambiente natural de nuestros pueblos de base (Fals Borda, 2010: 21)

A concepção do Socialismo Raízal busca retomar as raízes ancestrais que possuem uma potencialidade de superar o sistema capitalista, pois estariam em resistência há séculos aos diversos modos de dominação. Para o nosso autor, trata-se de uma vertente popular, pré-capitalista, que possui valores, conhecimentos e modos de organização próprios que devem ser valorizados, pois são mais justos e sustentáveis que os adotados pela civilização ocidental. Nesse sentido, os povos indígenas, os negros livres (quilombolas), os camponeses-

artesãos e os pioneiros colonos internos seriam os grupos de base cruciais num projeto que retome propostas de autonomia e o autogoverno participativos das experiências socialistas construídas em nossa região. Por esse motivo, esse socialismo chamar-se-ia *Kaziyadu*, palavra de origem “huitoto”, povo indígena da Colômbia, e buscaria resgatar um projeto regional de libertação.

A discussão contemporânea sobre o “bem viver”, os bens comuns e as alternativas ao desenvolvimento depredador de alguma maneira dialogam com esta posição. Não podemos ler, contudo, estes grupos, experiências e classes a partir de uma forma romântica ou como espaços de exterioridade da sociedade e da modernidade. Levar a sério o legado de Fals Borda supõe entendê-los e dialogar com eles em suas contradições e em seu potencial de ruptura, inclusive pesquisando as elites e anti-elites, o tecido social reacionário, a frustração dos processos sociais, os erros nas campanhas socioeconômicas e os fatores que levam à passividade, ao conformismo e à manutenção do status quo (Fals Borda, 1968b). Estar ao lado do povo e dos movimentos contestatórios e grupos insurgentes não implica nos restringirmos a pesquisa-los ou estudar com eles, como habitual em algumas propostas no estudo da ação coletiva e dos movimentos sociais, mas sim enquadrar o conflito social dentro de uma dimensão mais abrangente e de totalidade. Destarte, a subversão emerge como uma estratégia política e, ao mesmo tempo, como uma ferramenta analítica para entender o processo de destruição e de ressignificação da sociedade.

### **Notas finais: subversão social, científica e do(s) direito(s)**

Fals Borda nos legou uma vasta obra e experiência coletiva de pesquisa ação, na qual o *compromisso* é uma condição, a *práxis* uma experimentação e a *libertação* uma redenção. A dimensão de totalidade e de circularidade presente em seu pensamento histórico-empírico orientado a interpretar a mudança social e a contribuir para que ela se efetive, encontra, finalmente, na noção de *subversão* um horizonte de possibilidades, mas também uma situação (social). Uma condensação das contradições sociais e das possibilidades de manutenção ou ruptura com a ordem. Em palavras do autor, “uma condição social particular no seio de uma sociedade que reflete as incongruências internas de uma ordem

social descobertas por membros desta num determinado período histórico, à luz das novas metas (utopias) que uma sociedade quer alcançar” (Fals Borda, 1967: 28).

Há três elementos nesta definição de subversão, bem resgatados por Damián Pachón, em seu estudo introdutório à obra de Fals Borda (2013): seu caráter positivo (de transformação da ordem), de transição (da ordem estabelecida a uma nova ordem ou *topia*) e de tensões e/ou incongruências internas (que revelam os conflitos entre valores, normas, técnicas e formas de organização social da sociedade).

Contrapondo-se às compreensões sociológicas positivistas e estrutural-funcionalistas, Fals Borda defende, de fato, uma ideia positiva da subversão. Sugere que a subversão possui uma finalidade histórica, ou seja, um *telos utópico* que busca transformar a realidade social injusta. A conflitualidade social expressa nas lutas dos “subversivos” que buscam a superação de uma ordem injusta gera a possibilidade de destruição da ordem anterior e a transição para uma ordem nova mais justa. Porém, por não ser ingênuo, Fals Borda alerta para o fato de que nesses fenômenos concretos de processo transicionais entre a ordem tradicional e uma nova ordem não é possível que ocorra uma realização absoluta do projetado como meta “revolucionária”. Nesse processo, se evidenciariam as contradições e inconsistências das sociedades humanas e seu apego e influência ideológica da tradição anterior. A alteração da estabilidade se produz de forma gradual ao ponto de que em determinadas conjunturas se produzem condições de instabilidade que permitem o surgimento de *utopias* que motivam organizações populares e ações coletivas para a transformação da sociedade. Contudo, essas organizações, partidos e classes não conseguem realizar plenamente o seu projeto *utópico* e se tornam uma nova *topia*, num ritmo sucessivo. Muitas vezes, tampouco alcançam um grau de consciência suficiente das complexidades inerentes à transformação subversiva (Fals Borda, 1968b).

O convite ao entendimento da subversão como forma de compreensão da mudança social baseia-se não somente em evidências históricas e subjetivas, mas também em uma dimensão de totalidade reconstrutora das transformações integrais na sociedade. Supõe uma tensão contínua entre elementos antitéticos e forças em disputa, ao mesmo tempo que, na linha do que foi discutido neste

artigo, uma nova conciliação operativa entre teoria e prática, pesquisa e ação, objeto e sujeito. A subversão não é somente uma operação sociológica, mas também uma possibilidade política e científica. Exige destruição e reconstrução para outro mundo e outra sociologia. Mais abrangente, logo, que a insurgência e a revolução, a subversão é uma categoria relevante para se pensar criticamente o direito, tendo em vista a possibilidade de captar empiricamente não somente os subversivos, mas o confronto político e a disputa societária como um todo, inclusive em diferentes momentos de criação, reprodução e destruição do direito.

Subverter a ordem social capitalista exige profanar as suas normas, não simplesmente negá-las (Ariza, 2010). Muitos movimentos sociais as utilizam de forma profana como um instrumento de suas lutas. Mobilizam o direito e reivindicam o cumprimento dos enunciados constitucionais e expõem as contradições e impossibilidades de realmente cumpri-los no capitalismo. Isso não significa necessariamente aceitar o direito posto. Significa, muitas vezes, pô-lo ao avesso, usá-lo de forma rebelde, demonstrando as suas injustiças e incoerências para explicitar a necessidade de subvertê-lo. Ao mesmo tempo, em termos mais sociológicos, implica realizar uma leitura subversiva do direito e dos direitos a partir da compreensão dos fatos sociais, das atitudes, das ideologias, as motivações e as formas de organização da sociedade e dos grupos rebeldes.

Trata-se de entender o fenômeno jurídico a partir dos limites de compatibilidade do sistema e das relações sociais, e não somente a partir do Estado, embora este não possa ser negado. Não existe apenas um Direito, mas sim “direitos” no plural, pois sua fonte são as ações subversivas pela satisfação das necessidades, ou melhor, a práxis de libertação. Nesse processo, a pesquisa militante não deve ser lida, como já postulado, como uma proposta hermética, mas sim como uma metodologia em processo contínuo de construção que busca utilizar subversivamente o conhecimento para transformar a realidade. Esperamos que os aportes de Fals Borda e o resgate de algumas de suas “velhas” contribuições contribuam a abrir “novos” horizontes.

## Referências

ARIZA SANTAMARÍA, Rosembert (2010) *El Derecho Profano. Justicia indígena, justicia informal y otras maneras de realizar lo justo*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia.

BONILLA, Victor; CASTILLO, Gonzalo; FALS BORDA, Orlando; LIBREROS, Augusto (1972) *Causa Popular, Ciencia Popular. Una metodología del conocimiento científico a través de la acción*. Bogotá: Publicaciones de la Rosca.

BRINGEL, Breno (2015) “Fronteiras difusas: movimentos sociais, intelectuais e construções de conhecimentos”. In: Marco Antonio Perruso e Mônica da Silva Araújo (Orgs.) *Ciência e Política: memórias de intelectuais*. Rio de Janeiro: Mauad, pp.57-69.

BRINGEL, Breno (2009) “O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil”, *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, v.11, n.1, pp.97-121.

BRINGEL, Breno et al. (2015) “Notas sobre o CLAPCS na era Costa Pinto (1957-1961): construção institucional, circulação intelectual e pesquisas sobre América Latina no Brasil”, In: *Sociologia Latino-americana II: desenvolvimento e atualidade*. Dossiê Temático (Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina), 2015. Rio de Janeiro: IESP-UERJ, pp.10-18.

BRINGEL, Breno; DOMINGUES, José Maurício (2012) “Teoria crítica e movimentos sociais: intersecções, impasses e alternativas”. In: Breno Bringel e Maria da Glória Gohn (Orgs.) *Movimentos Sociais na Era Global*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, pp.57-75.

BRINGEL, Breno; DOMINGUES, José Maurício (2015) “Teoria social, extroversão e autonomia: impasses e horizontes da sociologia (semi)periférica contemporânea”, *Caderno CRH*, vol.28, n.73, pp.59-76.

BRINGEL, Breno; LYNCH, Christian; MAIO, Marcos Chor (2015) “Sociologia periférica e questão racial: revisitando Guerreiro Ramos”, *Caderno CRH*, vol.28, n.73, pp.9-13.

BRINGEL, Breno; VARELLA, Renata (2014) “Pesquisa militante e produção de conhecimento: o enquadramento de uma perspectiva”. Disponível em: <<http://universidademovimentosociais.wordpress.com/artigos/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

FALS BORDA, Orlando (2013). *Socialismo Raizal y el ordenamiento territorial*.

Estudo introdutório de Damián Pachón Soto. Bogotá: Ediciones desde Abajo / Biblioteca Vértices Colombiano

FALS BORDA, Orlando (2009). *Una Sociologia Sentipensate para América Latina*. Antología de textos seleccionados e apresentados por Víctor Manuel Moncayo. Bogotá: CLACSO/Siglo del Hombre Editores, 2009;

FALS BORDA, Orlando (1987). *Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual*. Bogotá: Carlos Valencia Editores.

FALS BORDA, Orlando (1981) *Historia Doble de la Costa*. Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1981;

FALS BORDA, Orlando (1978) *Por la praxis: el problema de cómo investigar la realidad para transformarla*. Bogotá: Federación para el Análisis de la Realidad Colombiana (FUNDARCO).

FALS BORDA, Orlando (1975) *Historia de la Cuestión Agraria en Colombia*. Bogotá: Publicaciones de la Rosca.

FALS BORDA, Orlando (1972) *El Reformismo por dentro en América Latina*. México: Siglo XXI.

FALS BORDA, Orlando (1968) "Informe del Grupo de Trabajo sobre la Creación del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales", *Revista América Latina*, Centro Latinoamericano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), ano 11, n.2, p.63-64.

FALS BORDA, Orlando (1968b). *Las revoluciones inconclusas en América Latina: 1809-1968*. México: Siglo XXI.

FALS BORDA, Orlando (1967). *La subversión en Colombia: visión del cambio social en la historia*. Bogotá: Universidad Nacional-Tercer Mundo.

FALS BORDA, Orlando (1963) *El Brasil: Campesinos y Vivienda*. Facultad Nacional de Colombia, Serie Latinoamericana nº 3. Bogotá: Imprenta Nacional.

FALS BORDA, Orlando; GUZMÁN, Germán; UMAÑA, Eduardo (1962) *La violencia en Colombia: estudio de un proceso social*. Bogotá: Tercer Mundo.

FALS BORDA, Orlando (1961). *Campesinos de los Andes: estudio sociológico de Saucío*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

FALS BORDA, Orlando (1957) *El hombre y la tierra en Boyacá: bases sociológicas e*



*históricas para una reforma agraria*. Bogotá: Antares, Documentos Colombianos.

GERMANI, Gino (1962) *La sociología científica: apuntes para su fundamentación*. México: Instituto de Investigaciones Sociales / UNAM, 2ª edição.

MAIA, João Marcelo (2015) “A sociología periférica de Guerreiro Ramos”, *Caderno CRH*, v.28, n.73, pp.47-58.

MANCIE, Euclides André (2000) “Uma introdução conceitual às Filosofias da Libertação”, *Revista Libertação-Liberación*, Curitiba, Instituto de Filosofia da Libertação, Ano I, n.1, pp.25-80.

MALDONADO BRAVO, Efendy Emiliano. (2015) *Histórias da insurgência indígena e campesina: o processo constituinte equatoriano desde o pensamento crítico latino-americano*. Dissertação. Florianópolis: PPGD-UFSC. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PDPC1190-D.pdf>

MARX, Karl. [1933] (2007) *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo.

PARRA, Ernesto (1983) *Investigación–acción en la Costa Atlántica: evaluación de la Rosca, 1972–1974*. Cali: Fundación para la Comunicación Popular / FUNCOP.

POVIÑA, Alfredo (1952) “Hay sociologia en América y hay sociologia de América”, *Boletín del Instituto de Sociología*, Buenos Aires, n.6, pp.159-164.

RAMOS, Guerreiro (1965) *A Redução Sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2ª edição, corrigida e aumentada.

STAVENHAGEN, Rodolfo (1971) *Sociología y Subdesarrollo*. México: Editorial Nuestro Tiempo.

TORRES, Camilo [1961] (2001) “El problema de la estructuración de una auténtica sociología latinoamericana”. *Revista Colombiana de Sociología*, Bogotá, Universidad Nacional de Colombia Nueva Serie, v.VI, n.2, pp. 133-139.

VALDÉS, Eduardo Devés (2003) *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: desde la CEPAL al Neoliberalismo, 1950-1990*. Buenos Aires: Editorial Biblos.

ZEA, Leopoldo (1964) *Antología del Pensamiento Social y Político de América Latina*. Washington: Unión Panamericana.